

## Resenha do livro: *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus

Por Jaiane Batista

“É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la.”

É com essa frase que eu começo o meu relato, não por acaso, não para causar impacto, mas, por ter vivido, assim como a Carolina, em uma favela, morado em um barraco feito de madeiras, o meu próprio quarto de despejo.

Peço desculpas para Carolina, pois enquanto lia suas palavras, eu chorava... aquele choro sentido, aquela sensação de desespero que só agora, lendo seu livro, percebi que ainda faz parte de quem eu sou. Pudera, quem foi que disse que podemos nos separar de nossas memórias? Elas continuam lá, dormindo, ansiosas para acordar e nos fazer lembrar de quem realmente somos, das nossas raízes mais profundas, mesmo aquelas que nos causam dor. Enquanto lia sobre sua tristeza em não ter o que comer, lembrei das lágrimas nos olhos da minha mãe, que muitas vezes, teve que bater em mim e na minha irmã, ainda pequenas, para que fôssemos dormir, com fome. Essa era a forma que ela encontrava de nos fazer adormecer logo, de tanto chorar. Talvez ela pensasse que o choro suprimisse a fome, e assim dormíamos, nós-eu e minha irmã-, chorando de fome, ela, – minha mãe –, chorando com a dor de não ter com que alimentar suas filhas.

Foi como se eu conhecesse a autora, como se eu estivesse ali, ao seu lado. Eu era sua filha Vera, sonhando com dias melhores, me alegrando com sapatos doados e até menores que meus pés, sentindo o aperto que aquilo causava em meus dedos, mas feliz por ter algo para calçar. Eu era a própria Carolina, correndo nas ruas frias de São Paulo, catando latinhas, para vender e ajudar minha mãe a comprar nosso pão. Quantas vezes tivemos apenas (e graças a Deus!), um punhado de farinha com café insosso? Minha mãe, com toda bondade, fazia um pirão, misturando a secra da farinha, com o líquido sem cor definida do café... e colocava para dentro de nossas bocas, nos forçando a comer, pois ela sabia que aquela era a única forma de chegar ao dia seguinte.



Pobre tem dessas coisas, vive um dia de cada vez, um pirão de café por vez.

Minha mãe (ah, dona Rita!) é a mulher mais incrível que eu conheço. Por mais que eu tente colocar nas palavras um pouco de todo esse sofrimento, e por ter passado na pele, eu não posso descrever o que sente uma mãe por não ter o que partilhar com seus filhos. Mesmo agora, enquanto tento escrever, não saberia colocar em palavras tudo o que ela passou e sentiu. Doeu ler algumas partes desse livro, só eu sei o quanto, mas foi uma dor necessária. É preciso não esquecer. As coisas boas da vida não podem e nem devem apagar as ruins. Não é sofrimento infundado, acredito que não foi para isso que Carolina escreveu e compartilhou com o mundo suas memórias, é tão somente ter a capacidade de lembrar do que viveu para poder comemorar o que se vive hoje.

A favela sempre foi um lugar de desespero. Morávamos em um cômodo apertado, com apenas uma cama. Minha mãe brigou com unhas e dentes para que pudéssemos dividir a cama, enquanto ela e meu pai dormiam no chão, em cima de um pedaço de espuma velha tirada de um sofá mais velho ainda. Morávamos ao lado de um esgoto, além do mal cheiro e das ratazanas, quando chovia, minha mãe acordava molhada com água suja do esgoto, muitas vezes, com os ratos em cima dela.

Certa vez, minha mãe ganhou uma galinha. Éramos quatro pessoas, meu pai sempre falou para ela: “Se você quiser dar comida para SUAS filhas, se vire”. A pobre galinha ficava no quintal, enquanto minha mãe, minha irmã e eu, ficávamos escondidas atrás de um muro, esperando a galinha começar a gritar. O grito era sinal de que ela havia posto um ovo, era nossa alegria. Saíamos correndo detrás do muro, procurando o precioso ovo, para então, podermos fritar e dividir para os quatro. Isso quando meu pai não achava primeiro e comia o ovo sozinho.

Em outro tempo, já no ensino médio, fui para a escola com uma havaiana quebrada, com um prego remendando embaixo. Durante o intervalo, o prego grudou entre os azulejos sem rejunto, fiquei imóvel durante todo o intervalo, esperando terminar, para que todos entrassem nas salas e eu pudesse abaixar, tirar o chinelo do meio do azulejo e poder assistir à aula. Isso quando eu não ganhava sapatos menores que os meus pés e, mesmo assim, os usava, com os pés doloridos, dedos encolhidos e mancando, somente para ter algo bonito para calçar.



Sempre fomos chamadas de “faveladas!”, seja na escola, seja na igreja, seja na rua. Aquilo nem mesmo soava mais como um insulto, era a realidade. Mas doía... ah, como doía! Mesmo hoje, ainda dói e eu choro enquanto escrevo, pois sei que do meu jeito, dentro do que eu posso, eu ainda tenho que cuidar dessa criança machucada pela sociedade que vive dentro de mim. Eu preciso acalmá-la e fazê-la acreditar que tudo vai ficar bem, que as coisas já são melhores, que não haverá mais a necessidade de comer pirão de café, ou de usar um sapato dois números menores que meus pés, nunca mais. Às vezes é difícil para essa criança acreditar no que digo. Ela teima em ficar escondida, com medo, e eu teimo em fazê-la sair e ver o mundo. Não posso culpá-la por ainda não conseguir acreditar que o ser humano é bom, mas um dia, eu sei que essa criança aqui dentro vai sair de seu esconderijo seguro e ninguém mais a chamará de “favelada! ”. Eles podem perceber que o nome dela é Jaiane.

Eu me lembro de tudo o que passei, por isso comemoro tudo o que vivo. Meu maior sonho é poder proporcionar uma vida confortável para minha mãe. Ela se doou, ela deixou de comer para nos alimentar, deixou de vestir, para nos dar o que ela tinha de melhor. Ela chorou enquanto nos batia para dormir e hoje eu só quero que ela sorria, sem medos, sem fome, sem favela.

Hoje eu sinto que tudo isso ainda me machuca, mas eu sei que toda força que tenho veio das experiências que vivi. Que quando eu estou triste e choro por bobagens, posso fechar os olhos e encarar quem eu fui, para então perceber o que eu ainda posso ser e aonde posso chegar. Cada passo adiante me distancia mais um pouco do meu quarto de despejo.

Ah, Carolina! Como foi bom te conhecer! Como foi bom dividir contigo minhas lágrimas, em cada página, enquanto daqui eu colhia as suas através das palavras.





*Figura 1- Montagem com metade do meu rosto e metade do rosto da Carolina. Por Jaiane Batista.*

